

## Do empresário de si à carnavalização na prostituição entre homens

Cristiano Hamann<sup>1</sup>  
Inês Hennigen<sup>2</sup>

**Resumo:** A prostituição faz questionar sobre as formas de restrição e agência social, especialmente quanto coloca-se em pauta o neoliberalismo e os perigos da redução do existir à racionalidade econômica. Quando se discute a prostituição exercida por homens, especificamente, evidenciam-se singularidades e ambiguidades. Enquanto o sujeito é cotidianamente incitado a estratégias laborais de maior performance, também participa de certos deslocamentos das prescrições tradicionais de trabalho, gênero e sexualidade. Tendo em pauta esse campo socialmente poroso, o presente estudo, derivado de um percurso cartográfico, discute as narrativas de dois trabalhadores sexuais sobre suas experiências na prostituição. Se agenciando no mercado, eles transitam entre formas de empresariado de si e certa carnavalização dos seus fazeres (o que mostra a coexistência, na prostituição entre homens, do neoliberalismo e da suspensão conjuntural de normativas de gênero e sexualidade). Suas experiências indicam diferentes posições no trabalho sexual, envolvendo o uso estratégico e mercadológico de características e habilidades para compensações variadas (financeiras, hedonísticas, afetivas), assim como a construção de redes de cuidado e proteção. Com base nas narrativas, argumenta-se que representações estereotipadas sobre o exercício da prostituição entre homens obstaculiza a análise das novas configurações entre trabalho sexual, gênero e sexualidade.

**Palavras-chave:** Prostituição. Prostituição masculina. Sexualidade. Neoliberalismo.

<sup>1</sup> Professor dos cursos de Graduação e Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). E-mail: [cristiano.hamann@pucrs.br](mailto:cristiano.hamann@pucrs.br). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3194100774239152>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1947-6936>.

<sup>2</sup> Professora do curso de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: [ineshennigen@gmail.com](mailto:ineshennigen@gmail.com). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9131671735371271>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0973-5973>.

Desde as últimas décadas do século XX, temos presenciado alterações rápidas e significativas nas formas de viver, envolvendo aspectos de ordem política, ética, estética em diferentes práticas sociais. Essas mudanças remetem à emergência do capitalismo neoliberal, conjuntura na qual é evidente a expansão de uma leitura econômica da vida em que todo aspecto cotidiano pode ser escrutinado pela via do cálculo (Dardot; Laval, 2016). A cooptação da vida numa matriz econômica, típica à racionalidade neoliberal, pode ser compreendida como efeito da *axiomática do capital*, termo que deflagra o modo como, ao contrário do que víamos nas instituições clássicas, o neoliberalismo substituiu o código social, a significação e normatização das formas de vida por um funcionamento no qual a “incitação à produtividade, competitividade, livre iniciativa e atualização da lógica privada e do acúmulo” (Hur, 2013, p. 205) passa a regular o viver. Trata-se, portanto, de uma racionalidade com ampla capacidade de capilarização cotidiana, com efeitos em uma série de facetas sociais.

No que concerne ao campo laboral, em específico, vemos que se faz presente uma convocação ao(à) trabalhador(a) em ocupar um lugar diferente do que lhe era reservado em outros tempos. Enquanto, em uma conjuntura liberal, o trabalho envolvia uma perspectiva familiar à lógica industrial (marcada pela formação e especialidade, pela permanência, pela temporalidade linear, vigilância e docilidade dos corpos), no neoliberalismo inscrevem-se outras ênfases, valores imbricados na racionalidade de empresa/empreendimento, como os da impermanência, temporalidade fragmentada, desenvolvimento de metas, flexibilidade do corpo e investimento sobre o cérebro enquanto possível fonte de inovação e expansão de mercado.<sup>3</sup>

Essa conjuntura, produtora do que podemos definir como subjetivação contábil (Dardot; Laval, 2016), afirmada com a expansão da lógica de mercado sob a axiomática do capital, ramifica-se nos espaços sociais. Se expressa no desejo de um sujeito gestor/empresário de si, que ultrapassa concorrências (sempre atualizadas) e transita com fluidez por lógicas econômicas. Racionalidade que atua modulando como as pessoas organizam sua vida em instâncias reconhecidas classicamente como “pessoais” e

---

<sup>3</sup> Corroborando essa perspectiva, Maurício Lazzarato (2006, p. 82) aponta que o “tempo do acontecimento, da invenção, da criação de possibilidades já não pode ser considerado como exceção, mas sim o que há de ser regulado e capturado cotidianamente”.

“íntimas” – o que inclui a sexualidade. Diante do neoliberalismo, a sexualidade aparece como foco de incitação à melhor performance, produção, competência, competição e, até mesmo, *expertise*, elemento importante nas discussões sobre trabalho sexual.

Em consonância com a crítica foucaultiana à hipótese repressiva e discussões dela derivadas, a sexualidade não é tomada como pertencendo a um suposto mundo privado ou referente exclusivo às formas de repressão social. A sexualidade se expressa, na conjuntura contemporânea, numa incitação à certas maneiras de pensar e viver<sup>4</sup> marcadas pela economia – elemento estratégico quando se discute as modulações do sujeito diante do neoliberalismo, ou seja, o cultivo de um sujeito considerado adequado a conjuntura de produção capitalista. Não por acaso, vemos esta questão se expressar em uma série de dispositivos sociais, como a publicidade, por exemplo, que muitas vezes associa explicitamente sexualidade, consumo e crédito bancário com um suposto exercício de liberdade (Hennigen, 2014).

Diante dessa articulação neoliberal entre vida laboral, sexualidade e economia, noções clássicas, como a de exploração, precisam ser pensadas (e talvez redimensionadas). Enquanto construto importante para análises da vida laboral, a exploração esteve tradicionalmente associada à baixa remuneração, ao abuso do tempo de quem trabalha e à apropriação da força de trabalho por uma classe social privilegiada. Entretanto, não por acaso, no final do século XX tal concepção foi sendo complexificada em diferentes campos de saber. Marcados por inspiração materialista histórica, estudos clássicos em Análise Institucional, por exemplo, começam a inscrever de maneira mais difusa a noção de exploração, tomada como “expropriação da potência e do resultado produtivo de uns por parte de outros” (Baremlitt, 2002, p. 34). Associados a uma noção institucional para análise da conjuntura neoliberal, podemos compreender que a exploração de mercado “livre”, que pela axiomática do capital constitui-se de forma aberta e capilar, envolve atentar para uma exploração “sem explorador” – reposicionando problemas que antes eram centrados na noção de indivíduo, pessoa ou classe.

Ainda que a exploração nebulosa do neoliberalismo se mostre em diferentes fazeres do mundo do trabalho, evidenciam-se especificidades quando do trabalho sexual. O trabalhador sexual, que na conjuntura governamental brasileira é posto em lugar

---

<sup>4</sup> Estudos indicam essa modulação social contemporânea (cuja ênfase sai do controle biopolítico sobre o corpo para o controle sobre a mente) como noopolítica (Saraiva; Veiga-Neto, 2009).

marginal (a ver seu posicionamento periférico diante dos sistemas de seguridade) cotidianamente se depara com estratégias de trabalho cada vez mais individualizadas e voltadas para a lógica do empresário de si. Na prostituição<sup>5</sup> entre homens, por exemplo, a existência de mecanismos de avaliação e controle de *sites*, nos quais os clientes fazem avaliações dos profissionais, ou mesmo do abuso de substâncias para performance sexual, são exemplos contundentes.

De toda forma, nos interessa sobretudo a maneira que a própria produção de sujeito dentro de uma noção de performance, ou de estética (majoritária de corpo masculino, atlético etc.), envolva formas de investimento e regulação sobre si. Ou seja, elementos que indicam como, na atual conjuntura, a leitura da exploração somente pela via de uma categoria social como cafetinagem pode ser complexificada. Esse aspecto é especialmente importante tendo em vista os estudos que, desde a década de 1990, reposicionam o lugar dos diferentes homens nas relações sociais, tradicionalmente tomado pela via de uma representação unitária (comumente como explorador). Estudos sobre homens derivados desse movimento de complexificação das relações de gênero e sexualidade ressaltam a importância de pensar como discursos tradicionais acerca da masculinidade não obedecem, hoje, às mesmas formas regulatórias.

Entendendo masculinidade(s) como multiplicidade de “configurações de práticas que são realizadas na ação social e, dessa forma, podem se diferenciar de acordo com as relações de gênero em um cenário social particular” (Connell; Messerschmidt, 2013, p. 250), cabe atentar que no trabalho sexual exercido por homens, a atualização de discursos normativos é bastante contundente. Certa ansiedade gerada pela proximidade com o feminino, relatada em diversos trabalhos (Hamann, 2024; Torrão Filho, 2005; Welzer-Lang, 2001), se coaduna com o que apontava Perlongher (2008) como o perigo do “efeminamento do michê”. Nesse cálculo social do masculino e feminino, atentar para as hierarquias simbólicas na prostituição não se trata de negar um percurso bastante concreto de entrada no mercado do sexo. Na prostituição entre homens em Porto Alegre, por exemplo, a referência de clientes ao antigo “recrutamento” de garotos do serviço militar exemplifica a valorização de uma masculinidade específica (Hamann et al., 2020).

---

<sup>5</sup> Cabe atentar que, neste estudo, prostituição é compreendida como um dos fazeres possíveis no campo amplo do trabalho sexual (que pode envolver produção de conteúdo pornográfico ou outros materiais eróticos). Ainda que não exista um consenso no campo de estudos, defende-se no presente escrito que a prostituição (cotidianamente marcada pelo contato sexual, físico, com a clientela) guarda desafios específicos.

De todo modo, a problemática do quanto o exercício da masculinidade na prostituição diz de aprisionamentos e/ou estratégias de agência faz atentar para como os sujeitos se posicionam socialmente a partir de certas práticas que guardam ambiguidades. A prostituição entre homens instaura, na interface entre produção de gênero, sexualidade e trabalho, questionamentos sobre o quanto desloca prescrições tradicionais associadas ao ser homem e às masculinidades, expressando processos de singularização e possíveis relações não prescritas, ao mesmo tempo que faz olhar para as microregulações neoliberais que aprisionam formas de vida.

Neste contexto, a operação de uma torção nos significados e representações sobre ser homem na prostituição (muitas vezes alvo de registros reacionários e estereotipados sobre as formas de vida neste campo) através de certa “carnavalização” (Bakhtin, 2010) das atribuições sociais provocada nos espaços destinados à prostituição, poderia indicar um espaço/tempo no qual o marginalizado, ou periférico, apropria-se de um lugar de protagonismo. Se, inspirados em Bakhtin, os fenômenos sociais podem ser vistos pela via da valorização e legitimidade dos considerados *outsiders*, estrangeiros, dos à margem, cabe-nos compreender até que ponto se trata de agência ou de engolfamento neoliberal.

A possibilidade de agência – compreendida enquanto capacidade de ação diante de relações de poder, tomando o panorama normativo não enquanto entidade externa (força que somente incide sobre os sujeitos) mas efetivamente como um plano de poderes que constituem os sujeitos (Butler, 2015) –, precisa ser pensada a luz de uma conjuntura singular. Colocar em pauta reflexões que pensem efeitos da lógica neoliberal nestes fazeres, na exploração “sem explorador”, se faz estratégico para deflagar um tanto dos desafios atuais na interface do mercado – seu funcionamento nebuloso e sua capacidade de cooptação, assim como identificar possibilidade de resistência ou subversão.

Se, como aponta Preciado n’*O manifesto contrassexual*, “a forma mais eficaz de resistência à produção disciplinar da sexualidade em nossas sociedades não é a luta contra a proibição, e sim a contraprodutividade, isto é, a produção de formas de prazer e saber alternativas à sexualidade moderna” (2015, p. 22), cabe perguntar-se como é possível, diante das relações entre homens na prostituição, a produção de espaços de liberdade. Tomando esse plano de discussão – das mudanças nas conjunturas do panorama contemporâneo em termos de produção subjetiva, com a implicação de instituições como trabalho, gênero e sexualidade –, discute-se neste estudo tanto os possíveis engolfamentos



neoliberais como as “contraproduções” para homens que exercem a prostituição. Afinal, como a racionalidade neoliberal instaura formas de explorar-se no campo da prostituição entre homens? De que forma a axiomática do capital opera estratificações/hierarquizações/incitações neste modo de prostituição? Como se produzem espaços de agência, e produção de liberdade, em seus percursos?

### **Metodologia**

O presente estudo deriva da pesquisa de doutorado do primeiro autor, que teve por proposta analisar arranjos relacionais na prostituição entre homens em sua interface com o exercício de sexualidades, os meandros econômicos e a produção de afetos. Buscando problematizar este campo, discutiu-se a prostituição como uma arena de jogos de poder na qual se delineiam formas de regulação normativa, mas na qual também se abrem espaços de agência e liberdade. O percurso realizado foi de cunho cartográfico, no qual procurou-se desenvolver formas de “acompanhamento de processos inventivos e de produção de subjetividades” (Pozzana; Kastrup, 2014, p. 56), ou seja, formas de trânsito possíveis na prostituição a partir de um olhar analítico atento para a experiência social enquanto exercício político, ético e estético. Nesse sentido, a cartografia realizada foi tomada como um rastrear dos arranjos relacionais que expressavam diferença e provocavam a inscrição de modos de estar na prostituição, tomando como ponto estratégico a implicação do próprio pesquisador.

Ao longo do percurso de pesquisa foram sendo escolhidos materiais analiticamente relevantes: narrativas e cenas de diário de campo, a partir das quais se identificou uma série de elementos relacionados à produção dos sujeitos na prostituição entre homens. Nesse processo de traçar um modo de compreensão desta forma de trabalho sexual, o estudo foi guiado pela perspectiva de que “a história de uma coisa, em geral, é a sucessão das forças que dela se apoderam, e a coexistência das forças que lutam para dela se apoderar” (Deleuze, 1976, p. 3), o que levou às discussões acerca dos atravessamentos neoliberais na prostituição entre homens.

Foram percorridos espaços destinados à prostituição entre homens em Porto Alegre. Os ambientes e estabelecimentos, escolhidos em função da recorrência e importância indicada pelos interlocutores (entrevistados ou que compuseram, por meio de

conversas, os diários de campo realizados), dizem de determinada circulação voltada às especificidades da prostituição masculina. Ainda que ruas, praças, bares, saunas, *darkrooms* e aplicativos compusessem territórios aos fazeres da prostituição entre homens em Porto Alegre, sendo narrados como espaços em que era possível o exercício da prostituição, para as problematizações trazidas neste artigo o percurso em um estabelecimento fechado (uma sauna voltada para prostituição) e em aplicativo (*Grindr*) para encontros sexuais foram as vias escolhidas.

Esses dois espaços, ainda que auxiliassem a questionar supostas dicotomias entre mundo *offline* e *online*, entraram em pauta em função da escolha das histórias de dois dos nossos interlocutores. Entendemos que eram histórias potentes pois elas põem em pauta como certas posições de sujeito (envolvendo aspectos como o uso estratégico de características pessoais e habilidades) possibilitam constituir itinerários na prostituição com formas de compensações variadas (financeiras, hedonísticas, afetivas, entre outras).

Nas narrativas que serão apresentadas, os dois, Francisco e Pedro (nomes fictícios), ilustram essas problemáticas, na medida em que manejam normas e estratégias para se agenciarem no mercado. Nesse processo, deflagram como necessidades, prazeres e precarizações são possibilitadas numa conjuntura de subjetivação neoliberal. Suas narrativas, entendidas não somente como registros de experiência em campo, mas como dimensão performativa na qual o sujeito se dá mediado por práticas de si – ou seja, como ações em que negocia com os códigos disponíveis na cultura, sempre num processo inacabado (Butler, 2015) – evidenciam que representações estereotipadas ao exercício da prostituição entre homens obstaculizam analisar as novas configurações entre trabalho, sexualidade e mercado neoliberal.

O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob o CAAE 79986117.1.0000.5334, respeitando todas as prerrogativas e cuidados na pesquisa com seres humanos.

## **Resultado e discussão**

### *Francisco, ou o corpo-glutão*

Francisco é de uma família de classe média, com pais com educação superior e uma vida relativamente segura e confortável do ponto de vista financeiro. Que um “garoto de programa”<sup>6</sup> fosse um jovem de classe média e universitário não era novidade. Entretanto, algumas questões se faziam pertinentes, se mostrando constituintes da narrativa: o desejo de estar na prostituição como experiência recreativa; a ênfase no consumo de produtos de luxo derivados desse itinerário; e o efeito singular dos marcadores de diferença classe e etnicidade.

Francisco não era atlético ou musculoso. Usava óculos e aparentava “menos idade” do que tinha (nas palavras do participante, um elemento indicado como vantajoso). Era esguio e com pronunciados traços orientais. Alguém também com um corpo e uma história diferente das dos outros rapazes com quem tínhamos nos deparado ao longo da pesquisa, que eram muito mais próximos da figura “bofe” – ou seja, homens identificáveis com os estereótipos de masculinidade hegemônica (musculosos, grandes) ou de classe (majoritariamente jovens pobres). No esquema linguageiro dos territórios pesquisados, não se caracterizaria nem como “boy cara de bandido”, como alguns participantes haviam denominado (enquanto atributo erótico), tampouco como “malhado de academia” – algo mais *Barbie*, como circula em espaços de conversação LGBTQIA+.

Francisco fazia o estilo *nerd*, *teen*, uma expressão possível e mais presente em mídias digitais,<sup>7</sup> menos comum nos espaços fechados de bares e saunas porto-alegrenses. Francisco também desacomodava outro estereótipo comum em entrevistas: narrava estar no trabalho sexual por gostar e se excitar com o percurso na prostituição. Em suas narrativas, quando contava sobre sua primeira experiência, Francisco dizia ter começado em uma viagem ao exterior, na qual era possível aproveitar lugares de diversão *gay*, como o *Marais* (Paris) bairro no qual indicava “derrubar muitos forninhos”.<sup>8</sup> Segundo

---

<sup>6</sup> Os termos entre aspas correspondem a utilização feita pelos próprios interlocutores.

<sup>7</sup> Foi notável a presença, ao longo do desenvolvimento do campo deste estudo, de sites que podem ser compreendidos enquanto espaços possíveis para encontros, nos quais o uso de aplicativos não é considerado seguro (por exemplo, para homens casados). Alguns sites costumam indicar que os garotos têm local (ambiente fornecido pelo profissional para a realização do encontro), outros possuem, em seu próprio nome, tal denominação – indicando o apelo ao público consumidor. Outro elemento relacionado a esse aspecto é como os sites contêm espaços de avaliação dos garotos, através de fóruns direcionados preferencialmente para diálogos entre clientes.

<sup>8</sup> Referência a sexo com garotos jovens.



Francisco, em um dos momentos de lazer pelo bairro foi interpelado por um homem que lhe oferece dinheiro para um programa.

Após alguns momentos de negociação do valor (narrado com certa diversão pelo jovem, que indica utilizar o valor para melhorar seu trânsito como consumidor na capital francesa), o programa é tomado como uma aventura em território europeu. Sua história deflagrava não somente do desejo enquanto aspecto enunciado – questão que, na grande parcela dos estudos, não se apresenta de maneira explícita – mas também de um sujeito em prostituição ocasional que se colocava como agente, impondo seu valor, constituindo-se como empresário e voltado para um propósito de consumo (especialmente de luxo).

No Brasil estava utilizando o *Grindr* no período de realização da presente pesquisa, aplicativo no qual viu alguns anúncios de garotos de programa<sup>9</sup> – o que lhe reavivou a possibilidade de fazer programas enquanto atividade recorrente. Ainda que o dinheiro do trabalho no comércio (atuava como vendedor) e o auxílio financeiro da família fosse suficiente para as despesas gerais, o jovem indicava que o consumo de experiências (restaurantes, viagens, bebidas) não eram bem contempladas. De todo modo, o percurso na prostituição, e certo ar de *gameificação* da atividade, figurava na narrativa:

eu curtia muito as conversas, combinações... me excita muito sentir que estou controlando o desejo do cara... que eu não preciso, mas para ver o quanto ele pode chegar a pagar para transar comigo... o quanto ele acha que vale... se eu consigo um pouco mais do que eles estão dispostos a pagar no início... No aplicativo, a maioria dos caras não é tão mais velho, muitos até conseguiriam transar de graça - mas as vezes estão com preguiça da função de convencer, ou não tão querendo rolo de envolvimento, ou tão pulando a cerca, ou são inseguros... tem alguns guris da universidade que já foram meus clientes.

Francisco materializa um *intermezzo*, uma interjeição. Se ao mesmo tempo a mentalidade do cálculo e o planejamento poderiam me remeter aos discursos predatórios de estigmatização do passado – em leituras acadêmicas e de governo que associavam prostituição com problemas de caráter, morais e de decrepitude social (Hamann, 2024) –

---

<sup>9</sup> Aparentemente, ferramentas da *web* e aplicativos reconfiguram alguns territórios físico-geográficos como as saunas, ruas e bares, potencializando trânsitos mais individuais, autônomos. Ainda que também usados por alguns garotos de programa que frequentam bares e saunas, pode haver dissonância na compreensão do que seria o uso adequado dessas tecnologias. Para muitos homens, a utilização de aplicativos era motivo de insegurança, de ter imagens suas divulgadas para famílias e namoradas.

também desmontava muito disso: se dizia *gay*, não justificava o fazer pela necessidade ou pela proteção financeira. O prazer, o hedonismo e a excitação estavam pronunciados. A desmistificação dos perfis caricatos de clientes, como se residissem todos frente a uma fronteira abissal de marcadores identitários, se fazia presente: de classe (clientes ricos e garotos pobres), geração (clientes supostamente sempre velhos), identidade de gênero (no exercício de uma masculinidade não majoritária), sexualidade (nos usos do corpo, especialmente do “cu” como elemento que compõe a narrativa de prazer associada à experiência na prostituição). Francisco considerava-se “um caso atípico”:

Porque, em geral, a pessoa acaba fazendo pelo dinheiro [...] eu fazia porque achava interessante... pela experiência mesmo. Esses dias eu li um artigo sobre o porquê que aconteceu as manifestações em junho de 2013 e falava que era porque os jovens queriam ter uma experiência de ir pra rua, porque em 90 teve o Diretas Já e a nossa geração nunca teve isso. Essa geração queria saber como era, entende? E para mim fez muito sentido, as pessoas foram pra rua pra saber como é! Para sentir algo!

Francisco apresentava a ideia de que o “sexo por dinheiro” poderia propiciar outra relação com o prazer e com o próprio corpo. Inicialmente pela atribuição de valor, narrava como a entrada na prostituição possibilitou estar como consumidor de uma experiência,<sup>10</sup> em situações nas quais, sendo pago, era possível certa lógica de celebridade, ou seja, um modo de vida no qual era pago para circular. De outra forma, também se mostrava excitado quando o valor do programa ultrapassava o que o cliente gostaria de pagar (numa ação ativa de se ver valer o esforço econômico de quem contrata o serviço).

Sempre tem prazer, mesmo que a excitação passe por outras vias, do conforto, das coisas mais sociais... senão a gente não faz. Já aconteceu de eu sair com clientes e não cobrar, só para ir a um restaurante bom... mas enfim... era um cara legal, já tinha saído com ele... eu pensei: por que não? Vou lá provar algo interessante. Provavelmente transarei com ele? Sim, mas também é uma fidelização de um cliente. E tem um

---

<sup>10</sup> A “experiência de consumo” pode ser considerada toda e qualquer compra cotidiana que inclui algum tipo de troca, tendo em vista o registro sensível, para o sujeito, da prática de consumir. “Consumo de experiência”, de outra forma, pode ser considerado como a compra da “fruição” de alguma coisa que remete a algo precedente – relacionando-se a uma memória de envolvimento (Pereira; Siciliano; Rocha, 2015).

interesse específico, um nicho de mercado. Quantos boys “japas” eles podem conseguir aqui? Também tenho a minha especialidade.

Francisco se mostrou atento ao uso de termos como *fidelização*, *nicho de mercado*, *especialidade*, termos com os quais marca uma trajetória na qual analisa o que o cliente deseja e se faz agente, assumindo uma posição de produção de si enquanto *grife* (afinal, na possibilidade do marcador étnico ser articulado em prol de um trânsito pelo mercado, no território porto alegreense se constitui como diferencial).<sup>11</sup> Através dessa leitura de si e do seu percurso na prostituição, pode articular o que se entende como uma racionalidade neoliberal e o efeito de subjetivação capitalista esta enseja. Esses elementos trazidos por Francisco permitiram traçar certos planos analíticos que compõem o campo de relações entre os homens no mercado do sexo - seja explicitamente denominado prostituição ou não, inclusive nas fronteiras entre esse tipo de relações e outras, menos explicitamente comerciais e/ou consideradas de diferentes naturezas (não envolvendo o enquadre de programa sexual, mas tendo como operador relações de câmbio econômico).

A narrativa apresentada compõe-se articulada, tanto a certa leitura experiencial (esporádica e festiva) quanto aos processos típicos das mudanças do capitalismo para um modelo neoliberal, processo no qual se produz uma racionalidade específica. Na perspectiva de Dardot e Laval (2016), a racionalidade neoliberal justamente se caracteriza pela expansão e fortalecimento da “lógica de mercado” fora da esfera classicamente mercantil como, por exemplo, na conjuntura das relações anteriormente tomadas como privadas – que, no caso recém relatado, não se dão somente caracterizadas por uma troca financeira, mas de uma gama de afetos (como a experiência de consumo de luxo ou do desfrutar da companhia de alguém que possa oferecer capital cultural). O campo da prostituição entre homens vem mostrando essas mudanças, ilustradas em narrativas de participantes como Francisco, caracterizadas cada vez mais pelo uso de estratégias individualizadas. Importante lembrar que coincide com a utilização de *sites*, de aplicativos geolocalizados, e a diminuição na existência de espaços presenciais como, por exemplo, bares, saunas e casas de prostituição (Oliveira-Soares; Pizzinato, 2022).

---

<sup>11</sup> Alguns estudos apontam que, para sujeitos asiáticos ou com essa descendência, estereótipos de passividade e docilidade são usuais. Na conjuntura da homossexualidade e na prática sexual entre homens, encontrei descrita na literatura a associação de características asiáticas a passividade (receptiva no sexo) e a docilidade (Han, 2006). Estereótipos de ordem racial, na literatura internacional, ligam latinos a figura de bons amantes e viris, e negros à potência sexual.

No seu trânsito, Francisco nomeia “vínculo”, mas o faz de maneira interpretativa, psicologizando pela via das demandas emocionais – como clientes “carentes”, “solitários”. Assim como outros participantes, em suas narrativas entra em cena certa justificativa relacional atribuída aos clientes: alguns chamam de “conhecer”, outros de “relacionamento”, “amizade”. Algo que transcende a transação pecuniária, mas não se descola dela. Ao mesmo tempo que existe produção do campo das afeições, mantém-se um território em que a relação programa/prostituição se faz presente, ainda que, por vezes, marcada por terceiros, como é o caso da seguinte situação narrada:

Fui encontrar um cara rico, em um prédio de arquitetura super chique. Quando cheguei, disse para o porteiro que eu iria para o apartamento. Ele levantou, perguntou meu nome, e me encaminhou para usar o elevador de serviço. Eu subi os nove andares, lendo pelo espelho a palavra “serviço” e pensando: - será que ele sabe que eu sou puta? Claro que deve saber, não devo ter sido o primeiro... mas aquilo me incomodou, rendeu muito para eu pensar...

No elevador de serviço se operou uma mudança considerável. O espaço reconhecido por Francisco como caracterizado por graus amplos de liberdade, e certo controle, alterou-se para uma brusca sensação de assujeitamento. O *corpo-glutão* (inscrito no aproveitar das possibilidades do paladar, das toalhas macias, atento ao caráter libidinal do mais-dinheiro), que se considera transitando pelo prazer hedônico, pelos espaços do mercado (em um certo nicho coerente com seu capital erótico e cultural), se vê alçado ao lugar de alguém que, no elevador de serviço, perde valor. Marca-se o lugar de “trabalhador” do sexo. O lugar de poder nas relações – anteriormente na posição ativa daquele que proporciona prazer (sentindo prazer) a quem demanda, num jogo de consumidor e empresário de si – agora faz se deparar com a possibilidade do corpo-trabalho (de um trabalhador que pode, também, estar sujeito, até mesmo, ao perigo da futura obsolescência).

Como ele mesmo recorda em outro momento de suas narrativas, referindo-se aos homens que têm no mercado sexual sua principal renda econômica, a prostituição tem um “tempo, pois o corpo não vai ser o mesmo, a vontade não vai ser a mesma, e sempre terão caras mais novos e mais bonitos”. Esse possível “constrangimento” da concorrência, pode se impor a todos os agentes e compor em táticas de criação de reputação e fidelização. O

cenário das trocas financeiras no mercado do sexo entre homens é, obviamente, constrangido pela concorrência de preços (elemento liberal), mas no cenário neoliberal, de forma diferente do capitalismo tradicional, tem-se a competição por meio de certa inovação, posicionando os trabalhadores cada vez mais no campo empresarial: musculação, procedimentos estéticos, acessórios, produtos farmacêuticos para garantir a ereção... ou no caso específico de Francisco, inovações de capital cultural – falar mais idiomas, ter feito cursos de *sommelier* e gastronomia, versar sobre Filosofia, por exemplo. O capitalismo neoliberal não acaba com a concorrência de preços, mas ao dar um lugar novo à concorrência por meio da inovação, aproveita melhor a complementaridade desses dois modos de competição com o fim de alargar o seu âmbito e de intensificar o seu jogo. Como Francisco define: “meu programa é diferenciado”.

Dardot e Laval (2016) argumentam, de forma mais objetiva, que a grande questão prática do neoliberalismo vem a ser como dobrar os sujeitos à sua norma, todos os sujeitos, incluindo aqueles que não sentem diretamente a pressão do mercado em seu trabalho. Os autores defendem que para pôr os indivíduos em concorrência, para empurrá-los ao máximo desempenho, é preciso pôr um preço sobre o que eles fazem e mesmo sobre o que eles são.

Francisco acredita controlar esse jogo, ou ao menos, saber de seus mecanismos, de modo que as práticas de investimento em si (especificamente, a valorização de elementos étnicos, o uso de roupas de grife, a produção de um corpo jovem compõe uma interface com o processo intenso de investimento). Assim como na narrativa de Francisco, um sistema de mercado concorrencial requer um dispositivo de produção de valor (em muitos casos, os atributos de etnicidade e juventude enquanto novidades). A avaliação constante numa racionalidade de mercado e o controle sobre si mesmos instaura uma existência pela via do cálculo. Não se produz um mercado sem um instrumento que seja, ao mesmo tempo, de medida de valor, instrumento de transação de produto e instrumento da atividade de avaliação – em muitos casos, diferentes de Francisco, mas também subjetivados pela racionalidade do “desenvolvimento pessoal” e da “concorrência”, sob a forma de afiliação, masculinidade e virilidade.

*Pedro, ou o corpo-festa*



Diferentes estratégias de mercado que operam na lógica neoliberal atravessaram o campo de pesquisa, muitas vezes sob a figura do empresário de si. Trabalhar constantemente de acordo com o regime de controle de si mesmo e de pressão autoimposta para atingir os objetivos da tarefa (da empresa, do programa, do parceiro) é apresentado como uma condição de máximo engajamento na atividade. O trabalhador é convocado a dar tudo de si mesmo, é preciso que o faça voluntariamente o que se espera. Trata-se de inscrever as pessoas a agir, supostamente, de maneira livre nos mercados.

Para Dardot e Laval (2016), dois fatores são chave nesse processo de subjetivação. O primeiro é a rivalidade – em nossa conjuntura de análise trabalhadores, pretendentes, namorados, *boys* – seriam postos em situações (territórios, práticas, cenários) em que competem entre si, potencialmente apresentando desempenhos melhores. Já o segundo fator é o medo. Esse temor é principalmente aquele que, nesta investigação, pode ser o de vir a ser mal avaliado por seus clientes, parceiros. Com efeito, esse modo de operação propicia certa hierarquia gerencial, instrumentos de controle muito precisos, meios disciplinares individualizados, em que há oferta de outros candidatos e a avaliação constante dos outros implicados. Assim, não atingir as metas físicas de aparência e/ou de desempenho gera a possibilidade de ser substituído no mercado do sexo ou até mesmo nas relações consideradas fora da prostituição.

Essas requisições impõem a norma de concorrência ao comportamento dos sujeitos sem que eles tenham qualquer atividade diretamente mercantil: da concorrência de preços (e da lógica taylorista), retém-se o imperativo da flexibilidade, a obsessão pelo rendimento de curto prazo, a exigência de uma avaliação em todos os momentos; da concorrência por meio da inovação, retém-se a exaltação da autonomia ilimitada. Nesse sentido, não imunes à lógica neoliberal (marcada pelo investimento em si numa racionalidade de competição, alçada em instâncias como a produção do próprio corpo), espaços presenciais voltados para a prostituição geram outros efeitos, além dos já apresentados por Francisco.

Na narrativa de Pedro observaram-se dimensões afiliativas, comunitárias e pedagógicas que muitas vezes estabeleciam certo fortalecimento das condições de negociação dos trabalhadores (em geral e) no mercado sexual, como agência, nos termos de Butler (2015). Na esteira do pensamento foucaultiano, Butler entende que as pessoas encontram possibilidades singulares de subjetivação, construindo estratégias de

resistência ou de subversão aos mandatos sociais que as circunscrevem. Assim, ainda que se componha com marcos societários, a agência é também desestabilizadora por definição. Como apresentado na narrativa de Pedro há um trânsito específico que inscreve formas de agência, especialmente entre a sexualidade e a masculinidade (que são potencializadas/flexibilizadas para dar passagem aos fazeres, e prazeres, na prostituição).

Pedro indica como havia começado a trabalhar na sauna em função de um contraste importante na natureza das atividades desenvolvidas. Como ele dizia, “[...] a vida é foda. No início eu estranhei, mas logo o cara se acostuma... O que é pior? Estar aqui com os caras ou numa olaria, o dia inteiro carregando tijolos como eu fazia antes?”. Ainda que possa parecer uma resposta simples, alicerçada na, e reforçadora da, crença corrente de que é sempre por razões econômicas que as pessoas começam a atuar na prostituição, logo a narrativa se revelou mais complexa. Pedro aparenta menos do que os 28 anos que conta ter. Mais ou menos 1,70m, preto, cabelos cacheados, corpo definido e sem pelos. De acordo com sua história, seu início no exercício da prostituição entre homens deu-se de forma muito parecida com a de muitos outros em saunas e bares: pela indicação de amigos.

Como referenciava, “A primeira vez vim meio para ver qual é... nem sabia se iria conseguir... estava com um “azulzinho” na carteira, mas não precisou [...]. Foca no filme, imagina outra pessoa... me acostumei bem”. A atenção se dava para elementos que poderiam garantir (previamente) uma boa performance como, por exemplo, o estimulante sexual, ou mesmo aproveitar elementos dispostos na arquitetura do local (aspecto com o qual se deparou na vivência na sauna como, por exemplo, os vídeos, muitas vezes heterossexuais) estrategicamente distribuídos por salas e corredores.

Pedro conta que ser “gente boa” fez com que tivesse uma boa reputação entre os clientes e outros garotos do local. Esse aspecto, da considerada boa conduta com clientes (marcadas pelo bom trato, pelas performances de carinho e atenção) ou com os colegas (respeitar os preços estipulados principalmente, pois a constatação de um garoto fazendo programas por preços muito baixos fere a conduta esperada de mercado justo; ou fazer jus a uma relação de sigilo sobre as vidas e experiências dos colegas) se faz presente a todo momento. Em um espaço eventualmente marcado, como diz um dos clientes, por “guris de rua que vem tomar banho e fazer algum troco”, participar desse marco comunitário tem vantagens.

Trata-se do “saber quem é quem”, que pode gerar movimentos delicados de sigilo e visibilidade. No contexto da sauna a ambiência fazia congregar – mesmo que numa estratégia específica de relação – instâncias sociais historicamente marcadas pela dicotomia. Dois dos clientes mais recorrentes da sauna frequentada por Pedro, por exemplo, tinham por profissão atividades relacionadas à segurança pública. A presença de alguns garotos envolvidos com “crimes mais pesados”, como um deles me referia, jogava um lusco-fusco nas cenas da sauna que tornavam bastante dinâmica a relação de desejo, exercício de masculinidade, mas também de um afastamento considerado ótimo.<sup>12</sup>

No que concerne a Pedro, esse trânsito era narrado como tranquilo. Pedro, o “gente boa”, negociava com clientes e divertia-se com os colegas sem grandes dificuldades. Assim, pode constituir um grupo de clientes com certa regularidade, e manteve-se fora dos atritos com os demais colegas, sendo um dos rapazes com mais tempo de casa no momento da pesquisa.

Já faz uns 8, 9 anos que eu venho, mas antes era de vez em quando, quando eu queria comprar alguma coisa, quando eu precisava de dinheiro... vinha com amigos. Era divertido, ficava aí com os guris, comia um churrasco, bebia. Já virava festa... coisa de piazada. Numa noite animada, ou num sábado ou domingo, dava para juntar para comprar toda roupa nova que precisa, um tênis, também. Numa semana mais puxada tu compras um celular bala.

O trabalho conjuntural, inscrito como possibilidade em aberto tal qual um sistema *uberizado* (em que se instaura também a lógica de mais produtividade, mais ganho e mais exploração, ainda que por vezes fantasiados de empreendedorismo), mescla-se com a ambiência de festa, em que churrascos são preparados (nas dependências internas ou nas calçadas, como acontecia na sauna, localizada em um bairro residencial da cidade). Não parece se tratar, de todo modo, como dizia o promotor de festas do local, de garotos que

---

<sup>12</sup> Além do contato com o proprietário da sauna, que garantia informações atualizadas sobre a vida dos garotos, esse cliente tinha uma profissão que permitia verificar a “ficha policial” dos trabalhadores. Essa verificação e constatação de histórico de envolvimento em situações de crime não impedia, mas muitas vezes parecia instigar, o interesse sexual de clientes (que tinham contato com as informações através da rede de sociabilidade que se formava entre os homens de privilégio informativo). Esse aspecto, em específico, reitera o argumento de que a economia de informações na sauna, assim como o aspecto comunitário e filiativo, não opera por linhas óbvias – a “vida no crime” não supõe aversão sexual, ainda que se possa observar certo distanciamento ótimo (garotos considerados mais perigosos não aparentaram ter clientes fixos, ainda que trabalhem durante anos).

estão ali “só para se divertir”, mas sujeitos cuja diversão possibilita um deslizar por uma série de negociações.

Diferentemente de muitos registros da prostituição protagonizada por mulheres em espaços fechados, na prostituição masculina a presença comum era a de promotores de festas e gerências dos locais (não declaradamente cafetões, ainda que essa discussão possa se tornar ambígua conforme a conjuntura); e a identificação, para as mulheres, tal qual se mostra no estado da arte (da prostituição como uma categoria totalizante), o ambiente de festa (certa carnavalização, suspensão das normativas de sexualidade) auxilia a não depor contra os homens que se encontram no jogo delicado de produção/manutenção de seu estatuto de homens e de expressões de masculinidade viril.

A carnavalização, para Bakhtin (2010), indicaria um espaço/tempo de inversão, na qual o que era marginalizado, ou periférico, apropria-se de um lugar de protagonismo. De acordo com a análise de Magalhães e Queijo (2015), é um operador que permite identificar o que Bakhtin efetivamente toma como objeto: a crise, a transição, a mudança. Na mesma direção, Bakhtin assinala, valoriza a posição dos considerados *outsiders*, dos estrangeiros, dos da margem. Nessa suspensão de moralismos que o autor analisa, valores, tabus religiosos e políticos, a festa e o riso podem ser tomados como potencialmente políticos. A ambiência festiva na prostituição entre homens guarda similitudes com este aspecto carnavalesco – a sinuca, a música, os jogos de futebol compõem um cenário de segurança de gênero. É trabalho, mas é festa. Nessa “brincadeira” é possível flertar, jogar com as noções e limites de si, com seus desejos e com a leitura de outro que se tenha (e, por vezes, atualizar normativas, enraivecer-se, odiar, agredir as “bichas”, os “viados”, as “múmias”).

Guarda-se, nesse carnaval, a ambiência propícia a uma suspensão geralmente segura e chancelada por vários fiadores (como as esposas e namoradas em espaço periférico, mas compondo a “cena”), de modo que a festa carnavalizada faz fluir a relação entre homens até a porosidade trabalho/romance. Talvez esse aspecto possibilite um paralelo com a não demarcação identitária enquanto profissional do sexo que figura na prostituição exercida por homens – trata-se de uma possibilidade que homens, partícipes das vantagens da masculinidade nos territórios de gênero, não desejam colocar a perder. Não parece usualmente estratégico, numa sociedade normativa, reivindicar a existência como profissional do sexo – a não ser que, como no caso de Francisco, haja outros

suportes possíveis de se interseccionarem com o exercício da sexualidade, como o espaço privilegiado de classe e capital cultural.

O movimento de festa é o clima da “virada” de Pedro. Quando parecia que a pobreza, pouca instrução e origem popular o fadariam a um lugar periférico na engrenagem capitalista (enquanto mais um anônimo operário), esses mesmos elementos o instrumentalizam para circular em um espaço que interpreta como mais leve do que o forno da olaria. Festa, comida, bebida, dinheiro, presentes que poderiam operar como mais um vetor de marginalização, mas não. Com a estratégia e ambiência adequada – como num carnaval – é possível. Ter amigos nesse ambiente são um seguro, pois eles operam não só como rede concreta, mas como fiadores em um mundo que se faz estrategicamente de passagem.

Para Pedro, a circulação eventual passou a ter caráter mais sistemático. Passava todas as sextas, dia que saía mais cedo do trabalho. Em vários momentos de entrevista, reiterava o lugar de seus amigos como mais do que de suporte afetivo, mas de uma cumplicidade pragmática nas demandas da prostituição. Da mesma maneira, quando falavam das esposas, estas mostravam-se inscritas no itinerário laboral como fiadoras de uma sexualidade valorada (colada a certa masculinidade) que, apesar de transitoriamente suspensa/modelada, segue protegida e amparada, comunitariamente, por mulheres e amigos. Contexto narrativamente repleto de elementos operados em prol da produção de um *intermezzo* seguro. Ilustra, portanto, a atenção às oportunidades e as fronteiras de segurança no trânsito pela prostituição (especialmente na relação da orientação sexual como elemento, também, de *grife*).

Nesse jogo, a identificação com a masculinidade tradicional se torna valor no mercado, mas também é um seguro para poder transitar fora desse circuito sem grandes fricções, controlando as narrativas que circulam sobre certos limites na sociabilidade. Existe uma gama de microdecisões que afetam, de forma inesperada e por vezes criativa, esse panorama, como o caso do controle de informações. Esse aspecto aparece tanto nas relações de sigilo sobre si e os colegas, pensando na circulação de uma vida no qual o marco da prostituição não é totalizante, como no investimento de fazer com que os clientes saibam, estrategicamente, de informações sobre mulheres, namoradas e filhos (atestando certa virilidade normativa) ou sobre gostos, como pelo futebol.



Maingueneau (2005), quando discorre sobre o que entende como fiador, aponta para o que, numa produção discursiva, diz de algo que caracteriza o corpo do enunciador, associando-o a um conjunto de estereótipos e elementos outros. Segundo o autor, “o fiador implica ele mesmo um mundo ético do qual ele é parte prenhe e ao qual ele dá acesso”. As mulheres, os amigos, o futebol, parecem compor certa fiação adicional da masculinidade normativa que serve tanto fora como dentro da ambiência de prostituição. Dentro, porque chancela que é “bofe”, “boy macho”, que “pega mulher”. Uma masculinidade altamente capitalizada. Fora, porque sustenta a suspensão do que acontece dentro: dá para fazer sexo com homens se, fora desse ambiente, a heteronormatividade e a masculinidade se organizarem em discursos e condutas afiançadas por pilares incontestáveis como os “parceiros”, os “*brothers*”, as namoradas, os filhos – em suma, certo *ethos*.

Comigo ou com seus amigos, Pedro ria, brincava, vulgarizava corpos e fazeres de clientes com quem vinha logo interagindo afetiva e sexualmente. O escárnio protege, o deixa presente, entretanto também o descola de qualquer filiação rígida. Assim, os recursos mobilizados para a construção dessa realidade carnavalizada, são, antes de tudo, originários de uma apreensão dialógica e, por isso, singular enquanto processo: o futebol, as bebidas, a sinuca compunham com a nudez e as toalhas, instaurando uma realidade masculina (o suficiente). Espaço *intermezzo* em que as imagens se distinguem por uma espécie de “caráter não oficial”. Em outras palavras, a forma carnavalesca, sátira e jocosa possibilita a aproximação e o trânsito com diferentes mundos – como ilustram várias falas de Pedro.

Partindo desse viés interpretativo, do carnaval enquanto dispositivo que oferece, por meio de expressões como um *corpo-riso*, uma visão não-oficial do mundo e das relações, pode-se dizer de uma ambiência passível de certa fluidez. A estética carnavalizada incorporada por Pedro representaria, no que concerne a sexualidade, certa “liberação temporária da verdade dominante e do regime vigente, de abolição provisória de relações hierárquicas, privilégios, regras e tabus” (Bakhtin, 2010, p. 08). No riso ambivalente, alegre e ao mesmo tempo repleto de ironia e sarcasmo, o mundo se expressa um tanto múltiplo. Num mundo outro, ainda que temporário, há espaço para ousadias.

### **Considerações finais**

Na trajetória destes dois homens se coloca o corpo numa economia (atravessada por uma série de moralidades e transversalizada por potências); coparticipa-se de um circuito no qual a produção de desejo se articula com a lógica do lucro (numa racionalidade que constitui modos de disciplina e controle sobre si mesmo); demonstra-se que, diante dessa conjuntura, não se expressa uma linha óbvia de opressão ou um somatório de dominações. As conexões-*intermezzo* se corporificam em ambas as histórias aqui apresentadas, atravessadas por discursos que estabelecem inteligibilidade normativa aos sujeitos no mercado do sexo entre homens, mas também de agência que se configura, fundamentalmente, como resistência, estabelecendo descontinuidade entre poder e os movimentos que esse sujeito assume. Assim, a possibilidade de agência se dá na infiltração das regulações capitalísticas, demonstrando que a prostituição entre homens guarda potenciais de transgressão.

Localizar a experiência de homens nesse campo de produção social é rastrear o que torna seus corpos inteligíveis no mercado sexual, o que possibilita movimentos performativos singulares – o que, afinal, o corpo encarna (estabilizando e desestabilizando discursos hegemônicos, evidenciando diferenças e composições). A experiência corporificada de homens (a despeito do debate feminista clássico, que costuma planificar enquanto categoria estática) evidencia atravessamentos que compõem o exercício de quem oferece serviços na prostituição enquanto lugar marcado por gênero; permite alargar o entendimento de sua prática como coletiva evidenciando transversalidades; e também indica diferenças que deflagram conflitos constituintes dos fazeres e saberes no mercado sexual. No contexto contemporâneo, marcado pela leitura reacionária e totalizante sobre os sujeitos, o evidenciar de nuances nos espaços de construção de modos de viver na prostituição masculina demonstram cooptações neoliberais, mas também estratégias improváveis de produção de si no encontro com a diferença.

## Referências

BAREMBLITT, Gregorio. **Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática**. 5. ed., Belo Horizonte: Instituto Felix Guattari, 2002.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 2010.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo: crítica da violência ética**. Tradução de R. Bettoni. São Paulo: Autêntica, 2015.

CONNELL, Robert W; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: Repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, n. 21, v. 1, p. 241-282, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>. Acesso em: 5 abr. de 2025.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. Neoliberalismo e subjetivação capitalista. **Revista Olho da História**, v. 22, n. 1, 2016. Disponível em: <https://oohodahistoria.ufba.br/wp-content/uploads/2016/04/dlcomum.pdf>. Acesso em: 5 abr. de 2025.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. Rio de Janeiro: Rio, 1976.

HAMANN, Cristiano. Produção discursiva, norma e regulação na prostituição masculina. **RELIES: Revista del Laboratorio Iberoamericano para el Estudio Sociohistórico de las Sexualidades**, v. 11, n. 1, p. 54-74, 2024. DOI: <https://doi.org/10.46661/relies.10306>. Acesso em: 5 abr. de 2025.

HAMANN, Cristiano; PIZZINATO, Adolfo; ROCHA, Kátia Bones; HENNIGEN, Inês. Marcadores de diferença e produção de si na prostituição entre homens. **Sexualidad, Salud y Sociedad** (Rio de Janeiro), v. 34, n. 1, p. 68-89, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2020.34.05.a>. Acesso em: 5 abr. de 2025.

HAN, Chong-Suk. Geisha of a Different Kind: Gay Asian Men and the Gendering of Sexual Identity. **Sexuality & Culture**, v. 10, n. 1, p. 3-28, 2006. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s12119-006-1018-0>. Acesso em: 5 abr. de 2025.

HENNIGEN, Inês. Notas acerca da Produção da Posição Subjetiva Endividado em Tempos de Noopolítica. **Congresso Internacional Comunicação e Consumo**, 2014. Disponível em: <https://comuniconsp.wordpress.com/sobre/>. Acesso em: 5 abr. de 2025.

LAZZARATO, Maurizio. **As revoluções do capitalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MAGALHÃES, Anderson S.; QUEIJO, Maria Elizabeth. A arena discursiva das ruas e a condição pós-moderna: da manifestação à metacarnavalização. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, v. 10, n. 3, p. 166-185, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/2176-457322367>. Acesso em: 5 abr. de 2025.

OLIVEIRA-SOARES, Gianluca Augusto; PIZZINATO, Adolfo. Precarização e Plataformização do Trabalho: Efeitos Entre Homens Trabalhadores do Sexo pela Internet. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 22, n. 4, p. 1539-1559, 2022. DOI: <https://doi.org/10.12957/epp.2022.71760>. Acesso em: 5 abr. de 2025.

PEREIRA, Cláudia, SICILIANO, Tatiana, ROCHA, Everaldo. Consumo de experiência” e “experiência de consumo”: Uma discussão conceitual. **Logos**, v. 22, n. 2, 2015. DOI: <https://doi.org/10.12957/logos.2015.19523>. Acesso em: 5 abr. de 2025.

PERLONGHER, Néstor. **O negócio do michê**. 2. ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

POZZANA, Laura; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto contrassexual: práticas de identidade sexual**. São Paulo: n-1, 2015.

TORRÃO FILHO, Amílcar. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. **Cadernos Pagu**, v. 24, n. 1, p. 127-152, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332005000100007>. Acesso em: 5 abr. de 2025.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, p. 460-482, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2001000200008>. Acesso em: 5 abr. de 2025.

## **From the self-entrepreneur to carnivalization in prostitution between men**

**Abstract:** Prostitution raises questions about the forms of social restriction and agency, especially when neoliberalism and the dangers of reducing existence to economic rationality are brought into play. When discussing prostitution practiced by men, specifically, singularities and ambiguities become evident. While the subject is daily incited to higher-performance work strategies, he also participates in certain displacements of traditional prescriptions of work, gender and sexuality. With this socially porous field in mind, this study, derived from a cartographic approach, discusses the narratives of two sex workers about their experiences in prostitution. By acting as agents in the market, they move between forms of self-entrepreneurship and a certain carnivalization of their activities (which shows the coexistence, in prostitution among men, of neoliberalism and the current suspension of gender and sexuality norms). Their experiences indicate different positions in sex work, involving the strategic and market-oriented use of characteristics and skills for various compensations (financial, hedonistic, emotional), as well as the construction of care and protection networks. Based on the narratives, it is argued that stereotypical representations about the exercise of prostitution

among men hinder the analysis of the new configurations between sex work, gender and sexuality.

**Keywords:** Prostitution. Male prostitution. Sexuality. Neoliberalism.

## **Entre el empresario de sí y la carnavalización en la prostitución realizada entre hombres**

**Resumen:** La prostitución plantea preguntas sobre las formas de restricción y agencia social, especialmente cuando se ponen en cuestión el neoliberalismo y los peligros de reducir la existencia a la racionalidad económica. Cuando se habla de la prostitución ejercida por hombres, específicamente, se hacen evidentes singularidades y ambigüedades. Si bien se alienta diariamente al sujeto a adoptar estrategias laborales de mayor rendimiento, también participa en ciertos cambios en las prescripciones tradicionales del trabajo, el género y la sexualidad. Considerando este campo socialmente poroso, el presente estudio, derivado de un recorrido cartográfico, discute las narrativas de dos trabajadoras sexuales sobre sus experiencias en la prostitución. Al actuar en el mercado, se mueven entre formas de emprendimiento de sí mismas y una cierta carnavalización de sus actividades (lo que muestra la coexistencia, en la prostitución entre hombres, del neoliberalismo y la actual suspensión de las normas de género y sexualidad). Sus experiencias indican diferentes posiciones en el trabajo sexual, que involucran el uso estratégico y mercantil de características y habilidades para compensaciones variadas (financieras, hedonistas, emocionales), así como la construcción de redes de cuidado y protección. A partir de las narrativas, se argumenta que las representaciones estereotipadas sobre el ejercicio de la prostitución entre hombres dificultan el análisis de nuevas configuraciones entre trabajo sexual, género y sexualidad.

**Palabras clave:** Prostitución. Prostitución Masculina. Sexualidad. Neoliberalismo.

**Recebido:** 13/02/2024

**Aceito:** 15/04/2025